

Formação inicial de professores, cultura visual e novas materialidades¹

RESUMO: Neste artigo discutimos, a partir da empiria oriunda do projeto *Arqueologia de saberes, imagens e afetos*, uma experiência realizada em um curso destinado a formação inicial de professores no Estado do Rio de Janeiro, onde afloram histórias e sentidos a partir da apropriação de um objeto prosaico – um marcador de página. O objeto em questão reproduz a imagem de uma obra da artista plástica e escritora Sonia Lins (1919 – 2003) que, além de cumprir a função a qual se destina no cotidiano, também é um suporte de divulgação do museu virtual que reúne toda a obra literária e visual desta artista. Cada estudante do curso de Pedagogia do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ), inscrito na disciplina Arte e Educação, empreendeu uma jornada de investigação plástica, cujo exercício estava comprometido com a irrestrita liberdade de criação, apropriação e ressignificação da sua função dentro da lógica de uso e consumo e de sua materialidade. O aspecto relevante a ser considerado aqui é que, por meio dessa nova materialidade do objeto, se concretizou um conteúdo expressivo e sensível. Nessa experiência estética e ética, o acontecimento pedagógico nasce, se renova, e renasce na relação com o outro. As narrativas discentes que emergem dessa experiência revelaram uma diversidade de olhares e capturas simbólicas, expondo um universo subjetivo, particular e um processo artesanal de criação permeado por sentimentos, conflitos, devaneios, confidências e reminiscências. É uma experiência que exercitou o sentimento de humanidade e pertencimento e que refuta os valores que nos brutalizam nos diversos contextos da vida.

PALAVRAS-CHAVE: Materialidade. Leitura de imagens. Formação inicial de professores.

Adriana M. Assumpção
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGEDU/UNIRIO)
assumpcaoam@gmail.com

Dilson Miklos
Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ)
Doutorando do PPGEDU/UNIRIO
dilson.miklos@gmail.com

Guaracira Gouvêa
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGEDU/UNIRIO)
guaracirag@uol.com.br

(1) Os autores agradecem: Antonio Woyames Pinto, Erika Matos da Silva, Jamara Cardoso, Ana Paula Silva Martins e Amanda Emiliano Marcos, alunos do Curso de Pedagogia, do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ), pelo conjunto de ideias que se materializaram no artigo.

(2) Artigo enviado à Universidade de Córdoba, aceito, em 2016, e aguardando publicação.

Uma abertura

Existe uma tensão a respeito das imagens, particularmente da releitura de imagens, nos espaços de formação inicial de professores. Nesta investigação nosso foco se concentrou na leitura de um objeto imagético e de sua releitura como acontecimento estético por parte dos estudantes de Pedagogia, buscando perceber como se apropriaram do objeto criando outras materialidades e os novos significados advindos desse processo. Nossa hipótese, como apontam estudos anteriores (ASSUMPÇÃO; GOUVÊA, [2016]),² era a de que os discursos tendem a se constituir no sentido de controlar a polissemia, fato este comum nas práticas escolares, e assim desejávamos perceber como os estudantes seguem ou não caminhos de intencionalidade de controle dessas práticas.

O objeto em questão é um marcador de página confeccionado em papel cartão que reproduz a imagem, na parte superior, de uma obra da artista plástica e escritora Sonia Lins (1919-2003) e que,

(3) Disponível em: <www.sonialins.com.br>.

além de cumprir a função à qual se destina no cotidiano, também é um suporte de divulgação do museu virtual³, que reúne toda a sua obra literária e visual, documentos, informações sobre a sua vida e depoimentos em vídeo de seus contemporâneos. Na frente do marcador, o que chama a atenção é a imagem da cabeça de uma mulher cujos cabelos e rosto são desenhados com a palavra “eu”; no verso, juntamente, com o endereço do *website*, há o seguinte registro: “Há espelhos que gostam de nós. E outros que nos confundem com a mãe da gente.”

Figura 1- Marcador de página



Fonte: Apropriado no evento ArtRio, em 2014, no Rio de Janeiro.

Os movimentos que se construíram em torno do marcador de página integram um projeto maior nomeado *Arqueologia de saberes, imagens e afetos*, que vem sendo desenvolvido no âmbito da disciplina Arte e Educação, no Curso de Pedagogia do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ), e se consolida como uma experiência que aflora sentidos e histórias a partir de uma prática pedagógica que busca renovar o olhar para as “miudezas”

do cotidiano, que aqui se concretiza em um marcador de página: um objeto comum e padronizado que atende a uma determinada finalidade de uso. Entendemos o sentido de arqueologia assim como Deleuze o circunscreve, ou seja, não é necessariamente o passado, há uma arqueologia do presente que assume a forma de arquivo. “É como se o arquivo fosse [113] atravessado por uma grande falha, que põe, de um lado, a forma do visível, de outro, a forma do enunciável, ambas irreduzíveis. E é fora das formas, numa outra dimensão, que passa o fio que as costura uma à outra e ocupa o entre-dois”. (DELEUZE, 2013, p. 125)

A investigação sobre as significações das imagens e a criação de novas materialidades por parte dos estudantes, em um curso de formação inicial, pretende aprofundar o debate acerca da inserção da reflexão teórica sobre as questões das imagens na formação do professor, pois consideramos que esta possibilitará discutir, entre outros aspectos, o papel da imagem na constituição dos textos contemporâneos, na criação de subjetividades e identidades.

As considerações iniciais aqui descritas buscam favorecer a escolha de algumas lentes de aproximação, principalmente às questões relativas à produção e consumo de imagens, em contextos socioculturais contemporâneos que valorizam as audiovisuais. Cabe evidenciar também que a construção de práticas educativas de acesso a uma educação, que pressupõe o incentivo a uma formação diferente daquelas tradicionalmente encontradas nos espaços escolares, em todos os níveis educacionais, requer mudanças mais democráticas e significativas, no sentido de alterar conteúdos socioculturais e criar táticas de aproximação com as questões científicas, da arte e novas estratégias metodológicas.

Para esse fim, as concepções norteadoras dos processos educacionais devem estar referenciadas na produção de conhecimentos e no desenvolvimento de uma sensibilidade estética. A formação na licenciatura, em diferentes áreas do conhecimento, é uma reflexão necessária ao contexto dessa discussão, proporcionando uma participação maior dos educandos e educadores nas reflexões conduzidas, na sala de aula, propiciando uma formação mais crítica e sensível.

Ao entregar o marcador de página aos alunos, o que nos interessava é que cada estudante constituísse uma jornada de investigação plástica, cujo exercício estava comprometido com a irrestrita liberdade de criação, apropriação e ressignificação da sua

(4) Dilson Miklos apresentou uma versão dessa reflexão no VIII Colóquio Internacional de Filosofia e Educação, RJ, 2016, cujo texto foi publicado nos anais do evento.

função dentro da lógica de uso e da sua materialidade. Combinamos que, juntamente, com a apreciação coletiva do objeto, imagem, projeto e/ou ideia concretizada em acontecimento estético por cada um dos estudantes, haveria uma apresentação individual que explicitasse o percurso, as motivações e as escolhas que permearam o processo criativo. Também, na ocasião, seria entregue pelos estudantes um texto individual que narrasse todo esse conjunto de novos sentidos que o marcador de página adquiriu ao tomar outra forma – o novo/outro objeto construído.

O que apresentamos no artigo é um recorte dessas narrativas surpreendentes, que dialogam diretamente com o pensamento de nossos referenciais teóricos e também se inserem no debate que envolve a leitura e releitura de imagens e a educação na contemporaneidade.⁴

A construção da trama

A imagem

Vivemos cercados, impregnados de imagens, e, no entanto, ainda não sabemos quase nada da imagem. O que é? O que significa? Como age? O que comunica? Quais são os seus efeitos prováveis – e seus efeitos inimagináveis? (BARTHES, 2005)

O fragmento de Roland Barthes nos inspira enfatizando aspectos que são imprescindíveis quando pensamos em leitura de imagens, interpretação e processos envolvidos na recepção e reapropriação. O que nos move na construção desse texto é problematizar a leitura de imagens, a produção de novas materialidades e, além disso, investigar sobre a formação inicial de professores.

Em Barthes (2005) encontramos uma ótima tradução a respeito da intensidade que pulsa no olhar que lançamos sobre as imagens que observamos cotidianamente, pois o autor trata a palavra imagem como produto de diferentes representações: ora mental, ora imagística, ora referente a um imaginário. Segundo esse autor, quando tratamos de uma civilização da imagem, fatalmente estamos afirmando uma suposição de que as civilizações anteriores não praticavam a comunicação icônica, entretanto não dispomos de

estudos sobre essa questão. O que poderíamos nos perguntar é se não estaríamos subestimando essa forma de comunicação em outras civilizações nas quais a imagem participava profundamente da vida cotidiana dos homens (pinturas rupestres, vitrais, pinturas, almanaques, livros ilustrados). A comunicação mista, que encontramos hoje nas sociedades, leva-nos a esquecer que a imagem, precisamente, nunca está privada de palavra (fotografia legendada, publicidade anunciada, cinema falado, histórias em quadrinhos).

O conceito de imagem tem sido abordado por diversos autores. O filósofo francês a circunscreve como algo que possa figurar por meio de um desenho, mas não se caracteriza como um símbolo, todavia possui uma factura simbólica, pois apresenta características formais que a fazem parecer uma imagem. (BARTHES; COMPAGNON, 1987) Joly (2007), por sua vez, busca na raiz etimológica o sentido dessa palavra derivada do latim *imago*, e que servia para designar a máscara mortuária usada nos funerais romanos. No mundo contemporâneo está muito associada à mídia, o que para esta autora representa, ao mesmo tempo, invasão e onipresença no cotidiano. A palavra imagem se traduz no grego *eikon*, bem como no francês *image*, enquanto no inglês encontramos uma diferenciação entre *image* e *picture*. (SANTAELLA; NÖTH, 2013) O termo imagem possui sentidos diferentes, estes podem estar relacionados às artes plásticas, comunicação de massa e imagem mental como representação de alguma coisa percebida pelos sentidos, bem como concepção de mundo, de cultura, de religião, dentre outros.

As narrativas

A partir desse momento vamos aproximar o campo teórico às narrativas escritas pelos futuros professores, fruto da apropriação estética do marcador de página. Não esperamos esgotar essa aproximação, mas apontar um caminho que se renova ao olhar de cada leitor que será capaz de fazer outras conexões.

As narrativas apresentam uma diversidade enorme de olhares e capturas simbólicas do objeto e, para nós, foi uma tarefa árdua escolher e apresentar uma em detrimento de outra, pois todas revelam, generosamente, uma exposição sutil de um universo subjetivo, particular, íntimo e, também, um processo artesanal de criação que por vezes se revela altamente sofisticado. São

sentimentos, conflitos, devaneios, confidências e reminiscências partilhadas com uma sinceridade tocante.

A primeira narrativa apresenta a jornada criativa do estudante Antônio que produziu uma nova imagem a partir da ressignificação do marcador por meio de uma intervenção artística em seu autorretrato.

Minha primeira impressão e impulso ao receber o marcador de páginas da artista Sonia Lins foi a de imaginar como esta peça gráfica foi realizada, pois como artista gráfico sou um aficionado por alto-contrastes e das variações que este recurso gráfico pode proporcionar, principalmente pelo processo de criação. Não pude resistir, influenciado pelo vírus da pesquisa, em debruçar-me sobre a obra desta artista publicada em seu website. Antes disso, porém, já me havia ocorrido a ideia de representar o meu 'eu', tão presente na obra de Sonia através de uma impressão digital formada por milhares de 'eus'. O lindo site revelou que ela já havia feito esta representação de diversas maneiras, inclusive. Mesmo assim, despojei-me e resolvi dar minha cara tapa e fiz uma releitura da ideia da esfinge com a cabeleira de eus do marcador de páginas e parti para o projeto MEUS EUS apresentado na seguinte sequência: 1- Tirei uma foto, ou selfie, com meu celular sem nenhum tratamento ou filtro, apenas luz natural; 2- Desenhei a lápis uma matriz em letra cursiva de vários eus, formando um bloco compacto; 3 Digitalizei o desenho a lápis e apliquei filtros de contrastes; 4- Tratei a foto com diversos filtros, obtendo um alto contraste em negativo; 5- Em seguida, realizei uma série de fusões e clonagem dos eus para adaptá-los ao fundo e apliquei máscaras para subtrair e ocultar as partes desnecessárias e logo depois recortei a margem ao redor da foto e dupliquei em um tom de cinza (50%) todo o texto de forma a preencher ainda mais de eus o contraste branco. Desta forma, sem nenhum medo ou pudor, exponho o meu eu ou os meus eus, assim, em preto e branco. (Antonio Woyames Pinto)



Fonte: Acervo do autor.

Continuando nossas reflexões sobre as imagens, nos deparamos com os estudos de Fontanari (2015) que fez uma incursão profunda na obra *A câmara clara* de Barthes (2011) e problematiza os sentidos da imagem, afirmando que o signo só existe e se atualiza por meio do olhar do outro, ou seja, o olhar capturado dá sentido ao universo sógnico, por meio da interpretação, da elaboração cognitiva que busca compreender, traduzir. Na esteira crítica de Barthes, Fontanari se refere ao filósofo francês como um “antropólogo das imagens”, e considera que o mesmo foi além da “curiosidade gulosa” dos semiólogos, tratando de um saber mais visceral que se estabelece entre o espectador e a imagem. A narrativa produzida por Antônio evidencia o impacto do encontro com o *design* do marcador de página e nos impulsiona a refletir acerca dos sentidos estabelecidos entre o leitor e a imagem.

Compreendemos que uma imagem é uma representação de alguma coisa que não está presente, como uma aparência de algo que foi subtraído do lugar onde se encontrava originalmente e que pode perdurar por muitos anos. Fotografia, vídeos, cinema, todos oferecem imagens que são somente aparência de um objeto representado. Dessa maneira, nossas lentes teóricas vão se aproximando de Manguel (2001), que parte do pressuposto que a linguagem humana é feita de palavras que se traduzem em imagens e de imagens que se traduzem em palavras. As imagens, assim

como as histórias, nos informam e formam o nosso mundo como símbolos, sinais, mensagens e alegorias considerando-as como essência; ou por outro lado, talvez sejam apenas presenças vazias que completamos com nosso desejo, experiências, questionamentos e remorso. Para ele, qualquer que seja o caso, as imagens, assim como as palavras, são a matéria de que somos feitos. Como diz Antônio “*sem nenhum medo ou pudor, exponho o meu eu ou os meus eus, assim, em preto e branco*”. O Antônio, subtraído do lugar onde se encontrava por ele mesmo.

A segunda narrativa foi escrita pela estudante Erika, que pautou sua criação na construção de um objeto tridimensional, utilizando, como material básico, vários palitos de picolé.

O processo de (re)construir uma arte já existente e dar um novo significado a ela me fez pensar, durante toda semana, alguns conceitos sobre arte que se encaixam perfeitamente no que diz respeito a um método terapêutico [...]Tive uma disciplina chamada Recursos Terapêuticos Ocupacionais (RTO), à época em que fazia faculdade de Terapia Ocupacional, na qual aprendi algumas técnicas para serem utilizadas como recursos em uma terapia. Porém, nem toda técnica deveria ser utilizada com meus futuros pacientes, pois nem toda atividade é terapêutica. Digo isso porque fazer minha própria arte, ao invés de me relaxar, me deixa ainda mais tensa e se torna um transtorno pra mim. [...] A princípio foi difícil sair da objetividade para me introduzir em uma subjetividade que eu mantenho escondida porque a minha vida me obriga a pensar e agir de maneira prática, mas logo depois me permiti abrir a porta da subjetividade. A arte fluiu em mim e eu flui na arte [...] Fui à papelaria perto de casa, onde vendem de tudo, e comprei dois sacos de palitos de picolé nas cores amarelo e azul. O motivo das cores? Simples. O amarelo me lembra coisas boas e pela simbologia estimula o otimismo e o intelecto. O azul me transmite confiança e limpeza, me faz pensar na produção como um estímulo a desenvolver capacidades humanas ocultas. As flores eu encontrei nos materiais de carnaval da minha avó, pecinhas que estavam lá desde muito tempo que pareciam não significar muito para mim, mas que deram o toque necessário à minha arte. A construção da janela deu ao marca páginas uma mobilidade maior. A figura que chamarei de Medusa por causa do cabelo me lembrar cobras pode ficar de diversas maneiras dentro da janela, pode ver entre as brechas, pode colocar uma parte do “corpo” para fora, abrir a janela e ver o mundo por trás de uma janela que parecia ser impensável.

E o espanto que me veio durante o processo foi o de que eu me sentia como Medusa, tão submersa a apenas um fazer que não me permitia enxergar outros marcos importantes que atravessavam a minha vida. A janela da Medusa me ajudou a encarar a Arte como forma de expressão do que até mesmo não é belo [...] mudar o que me incomoda é essencial para dar mais mobilidade à vida.
(Erika Matos da Silva)

Figura 3 - Objeto criado no contexto da disciplina Arte e Educação



Fonte: Fotografia de Peter Illiciev.

Quando lemos imagens – de qualquer tipo, sejam elas pinturas, fotografias, - nós atribuímos o caráter temporal da narrativa. Ampliamos o que é limitado por uma moldura (numerosas telas) para um antes e um depois e, por meio da arte de narrar histórias (sejam elas de amor ou de ódio), conferimos à imagem imutável uma vida infinita e inesgotável. (MANGUEL, 2001)

Com Manguel (2001) consideramos a hipótese por ele compartilhada de que talvez não seja possível criar um sistema para ler imagens, assim como foi criado um sistema para ler a escrita. Em contraste com o texto escrito, no qual o significado dos signos deve ser estabelecido antes que eles possam ser gravados na argila, no papel ou tela eletrônica - o código que nos habita - nos leva a ler uma imagem impregnada por conhecimentos, e de uma maneira muito semelhante àquela que criamos ou imaginamos para o mundo à nossa volta, construindo com audácia, a partir desses significados, um senso moral e ético para vivermos. Dito de outra forma, podemos afirmar que as intrínsecas relações entre imagens e palavras conferem às audiovisuais um caráter de narrativa, de apropriação e expressão das dimensões do tempo e da experiência dos sujeitos. Assim, as imagens, para existirem, precisariam ser narradas e contadas a ponto de construir outras

histórias, e, dessa maneira, é importante chamar atenção para o caráter fabulatório, inventivo e ficcional das imagens. A estudante Érika constrói, por meio dos “códigos que a habita” um objeto “inventivo e ficcional” que para nós é uma imagem, uma narrativa, a experiência desta futura professora.

A terceira narrativa apresenta o olhar da aluna Jamara diante de um cotidiano permeado por conflitos.

[...] Para mim foi importante esse trabalho, pois sem querer surgiu o meu 'EU' agoniado, em conflito com a turma, não sei se pelo meu jeito de falar ou se pelo jeito deles agirem. Só sei que a relação não é boa, claro que não é com todos! [...] Partindo daí, comecei a pensar como alguns adultos veem outro adulto: 'COMO OUTROS!' Sem a totalidade do ser, confundindo com outra pessoa. Mas...confundindo como? Com quem? De que maneira? Sem conhecer? Faz uma ideia da pessoa, faz um juízo ou recebe uma informação de outra pessoa e aceita? Procura conhecer? Ser solidário? Dizer boa noite! Tudo bem? [...] Me senti melhor, vejo melhor. Vejo que é bola para frente, cada um é como é, eu também sou como sou! (Jamara Cardoso)

É preciso olhar, e olhar é tão difícil. Estamos acostumados a pensar. Pensamos o tempo todo, mais ou menos bem, mas não podemos ensinar as pessoas a ver. Demora muito. Aprender a olhar leva um tempo enorme. Um olhar que pese, que interrogue. (CARTIER-BRESSON, 1979, p. 57)

Segundo Cartier-Bresson (1979) não podemos ensinar as pessoas a ver. Como disse Jamara, “para mim foi importante esse trabalho, pois, sem querer, surgiu o meu 'EU' agoniado, em conflito com a turma, não sei se pelo meu jeito de falar ou se pelo jeito deles agirem. Só sei que a relação não é boa, claro que não é com todos! [...]”. Mas também podemos considerar que ler significa conhecer o outro, estranhar o familiar e reconhecer o familiar no exótico, aprofundando nossas formas ver os outros.

A narrativa de Jamara leva-nos a refletir a respeito da postura individualista nas sociedades contemporâneas, mas também nos impulsiona a refletir sobre o mundo das imagens, onde todos são uniformizados “como outros”. Compreendemos como Camille Paglia (2014) que a vida moderna é um mar de imagens e nossos olhos são inundados por figuras reluzentes e blocos de texto, tornando nosso cérebro superestimulado com a necessidade de se adaptar rapidamente a esse bombardeio de dados desconexos.

Entendemos que a industrialização da tecnologia para produção de imagens democratizou fortemente as práticas imagéticas contemporâneas para novas experiências (SONTAG, 2004), entretanto pouco se compreende dos processos que envolvem a recepção dessas imagens largamente produzidas no mundo contemporâneo. O mundo-imagem promete sobreviver a todos nós; as sociedades industriais transformaram seus cidadãos em dependentes de imagens, de acordo com a ensaísta americana. Assim, a Jamara irá sobreviver.

Na próxima narrativa, a estudante Ana Paula descreve sua criação relacionando-a com sentimentos guardados na memória e ligados à sua própria história na mais tenra infância, resgatando uma personagem de programa infantil e a sua trilha sonora. Esses vestígios serão relacionados com o seu “eu” mais profundo.

Ao receber o objeto tive a impressão de não saber o que fazer, pois se trata de um marcador de livro, que, a princípio, não compreendi que outro tipo de função poderia ter a não ser a que se propõe [...] Na imagem apresentada no marcador de livros duas coisas chamam atenção, o cabelo desenhado é composto da palavra 'EU' e a frase: 'Há espelhos que gostam de nós. E outros que nos confundem com a mãe da gente'. Geralmente quando tenho algum problema no trabalho, que acho difícil de resolver de imediato, sempre canto uma música que ouvia quando criança assistindo ao Sítio do Picapau Amarelo, a música tem um refrão que diz assim: Pobre de mim/ Emília me traga uma notícia boa/ Pirlimpimpim, se não chover/ É vento ou é garoa [...] E foi pensando nisso que acabei vendo no marcador a possibilidade de refletir alguma coisa que tinha muita ligação com minha personalidade, com meu "EU", que é a boneca Emília [...] Acredito que com o objeto consegui muito mais que inspiração para construir algo novo, me fez lembrar a infância, de como aprendi a gostar da leitura, da coleção de marcadores de livro que possuía e o quanto gosto de aprender, me recordou a Emília e tudo que representou pra mim. (Ana Paula Silva Martins)

Figura 5 - Objeto criado no contexto da disciplina Arte e Educação



Fonte: Fotografia de Peter Illiciev.

Uma das funções da imagem é contribuir para o aprendizado, sendo fonte de conhecimento em práticas educativas e, ao longo da história, as relações entre imagem e práticas educativas foram se estabelecendo à medida que novas formas de produção de imagens foram sendo criadas por meio do desenvolvimento de diferentes aparatos técnicos. Consideramos que quase todas as formas que originaram distintas mídias, constituídas por imagens, tiveram seu início com função educativa, e exemplos disso são a fotografia e a exibição cinematográfica, que foram sendo apropriadas pela escola básica e por outros contextos de disseminação de conhecimentos, como os museus.

Na narrativa acima, a estudante decifra o marcador de texto de maneira extremamente pessoal, construindo sentidos a partir de vivências que contribuem, de forma direta, para que a leitura do texto imagético seja interessante. Os sentidos produzidos por Ana Paula, ao resgatar da memória a música e a personagem de sua infância, no caso a boneca Emília, bem como a relação com sua coleção de marcadores de livros, demonstra uma potencialidade no trabalho com imagens que diz respeito à afetividade e aos sentidos reconstruídos por cada leitor. Tudo isso aparece na narrativa e possui relação com a aprendizagem, o que fica explícito no penúltimo enunciado, em que ela afirma “o quanto gosto de aprender”.

Segundo Manguel (1997), ler não é um processo automático de captura de um texto, mas um processo de reconstrução desconcertante, labiríntica, comum e, contudo, pessoal. A leitura de qualquer suporte, inclusive da imagética, não é simples decodificação de signos, não depende somente da capacidade do leitor de decifrá-los, e sim de dar significados a eles, compreendê-los. Significados construídos a partir de sua história de vida, referendados ou não por uma leitura autorizada, aceita, caracterizando suas condições de acesso à leitura e suas circunstâncias de produção.

Ana Paula demonstra esse processo envolvido na leitura que faz do marcador, bem como na apropriação do mesmo e a sua ressignificação por meio da criação de uma boneca, cujo corpo se constitui do marcador de páginas “vestido” e ornamentado como a boneca Emília. São as suas lentes que interpretam o marcador de páginas e criam um novo objeto que se estrutura com uma nova materialidade.

Manguel (2001, p.20) nos conta que “estamos refletidos de uma certa forma em todas as imagens que nos rodeiam, uma vez que elas já são parte daquilo que somos”. Ainda, considera que ao nos lembrarmos delas, as interpretaremos com novos elementos e veremos algo que não tínhamos visto antes, assim as imagens são narrativas e nos contam histórias – o que Manguel denomina de imagem narrativa. Além disso, as imagens que ficam na memória coletiva, socialmente compartilhadas, sedimentadas na comunidade que presenciou e documentou o acontecimento, Manguel denomina de imagem memória. Foi isso que Ana Paula fez.

A próxima narrativa apresenta Amanda, estudante que construiu um livro e um marcador de páginas.

[...] Ao entrar em contato com o material proposto, o marcador de livro, percebi que a mulher retratada no marcador tinha o mesmo nome de minha mãe. Ao virar o marcador pude ler a seguinte frase: ‘Há espelhos que gostam de nós. E outros que nos confundem com a mãe da gente,’ diante desta frase e da feliz coincidência do nome de minha mãe, resolvi trabalhar com três palavras que funcionaram como disparadores para a minha criação: marcador, Sonia e mãe. Diante da liberdade dada pelo professor para que pudéssemos nos apropriar do objeto sem a obrigação de ter que utilizá-lo ou mesmo fazer referência à Sonia retratada no objeto que nos foi dado, resolvi, a partir de então, que falaria da Sonia que marca a minha vida,

a minha Sonia, a minha mãe. Pensei em uma forma de mostrar a minha Sonia, resolvi então reunir fotos dela comigo, remexi em álbuns de família e vivenciei um processo de resgate de memórias muito especial, selecionei fotos, as ampliei no computador e resolvi criar um livro [...] Resolvi então editar algumas fotos de modo que elas pudessem estreitar a ponto de eu conseguir criar um marcador com elas [...] As fotos selecionadas trazem um pedaço da minha mãe, da minha Sonia, daquela que marca a minha vida. As fotos funcionam como marcadores da nossa história juntas, enfim, senti-me satisfeita após criar o livro e o marcador [...] Resolvi então olhar o site da Sonia Lins, quis conhecer esta Sonia que me motivou a falar da minha Sonia [...] O pouco tempo que lá estive, pude me ater a um pedaço de descrição sobre a obra de Sonia Lins: arte e afeto. Resolvi trazê-la para o meu relatório, mas ousando fazer uma adaptação: Arte é afeto. Não sei se alguém já disse isso, provavelmente sim, porque isto é bem nítido quando estamos diante de uma obra de arte. Pois, aquele que cria a arte e aquele que a vê, são afetados. Afeto, no sentido de produzir afeição ou no sentido de causar impressão, marcar, tanto faz. Pois, não gostar ou gostar de uma obra mostra que fomos afetados por ela, seja positiva ou negativamente, de qualquer forma houve afeto nesta relação. Acredito que seja esta uma das muitas definições sobre o que é arte. Arte é afeto, é relação. E foi isto que tentei simbolizar neste trabalho, minha relação, meu afeto, com a minha Sonia. (Amanda Emiliano Marcos)

Figura 6 - Objeto criado no contexto da disciplina Arte e Educação



Fonte: Fotografia de Peter Illiciev.

No início da narrativa, a estudante deixa explícito que a proposta feita pelo professor que coordenava a atividade propiciou uma apropriação do objeto – marcador de páginas – libertadora, pois segundo ela, cada estudante buscava o seu caminho, a sua forma de ressignificação, sem a obrigação de utilizar ou fazer referência ao objeto original. Na narrativa fica evidente a vinculação entre arte e afeto e, por meio dessa relação, se constrói seu novo objeto materializado no formato de um livro, com um novo marcador de páginas, ambos repletos de imagens familiares da estudante com sua mãe. A estudante Amanda observa as fotografias que são tão familiares e busca capturar sentimentos profundos. Percebemos no movimento de Amanda uma aproximação com a relação estabelecida pelo cineasta Ingmar Bergman em sua autobiografia, quando este se refere a fotografias de sua infância: “inclino-me sobre as fotografias de minha infância e estudo o rosto de minha mãe através da lupa; tento penetrar sentimentos que se deterioraram”. (BERGMAN, 2013, p.17)

Para “ler” uma imagem é preciso que o leitor esteja motivado pelo prazer do texto e, dessa maneira, inicie sua busca a fim de se apropriar, inventar e produzir novos significados e, nesse sentido, o leitor caracteriza-se, como nas belas palavras de Certeau, como um caçador que percorre terras alheias ao adentrar o mundo da leitura imagética. (CHARTIER, 1999) A narrativa de Amanda nos parece um caminhar por entre as terras alheias do campo das artes, criando novos sentidos na relação que ela própria estabelece entre arte e afeto.

Na ação oportunizada ao grupo de estudantes, o marcador de páginas torna-se um excelente elemento de estímulo para práticas pedagógicas que não se vinculam a homogeneização do conhecimento e que, verdadeiramente, estimulam ações que integram arte, educação e cultura de maneira viva e criativa. Nesse sentido, é preciso romper com a cultura escolar buscando práticas educativas em que circulem informações, expressas em linguagem verbal e imagética.

Em relação aos significados de uma imagem, reconhecemos como Barthes (2009), que a significação da imagem é, certamente, intencional: são certos atributos do produto que formam a priori os significados da mensagem. Dessa maneira, na leitura de imagens, a percepção dos sentidos que elas possuem dependerá da nossa cultura e do nosso conhecimento do mundo, dos signos de que

dispomos. Pela voz de Perrone-Moisés (2012), Barthes afirma que não há receita de leitura, pois a verdadeira leitura é criação, e esta não se ensina. Os estudantes, ao produzirem os seus novos objetos, realizaram uma leitura de criação do marcador de texto a partir de suas culturas.

As narrativas nos informam, assim como sugerido por Aristóteles, que todo processo de pensamento requer imagens. (MANGUEL, 2001) Acreditamos, assim como Manguel, que, com o passar do tempo, podemos ver mais coisas em uma imagem, sondar mais fundo e descobrir mais detalhes, assim como criar associações, combinar outras imagens, emprestar palavras para contar o que vemos. Entretanto, uma imagem existe em si mesma e no espaço que ocupa, independente do tempo que reservamos para contemplá-la. Porém, lemos imagens como traduções da nossa própria experiência. As novas materialidades produzidas pelos estudantes traduziram a própria experiência destes.

Um desfecho transitório

Neste artigo apresentamos uma ação desenvolvida no âmbito do projeto Arqueologia de saberes, imagens e afetos que foi sendo tramada na confluência perceptiva e poética do eu no encontro do outro e dos vários outros, e nessa relação, o nosso eu, o nosso olhar pedagógico, se constituiu e se renovou. Justamente na superfície do nosso tempo, enunciados foram extraídos de uma experiência subjetiva com um objeto prosaico como o marcador de página. Os territórios que construímos tratam de um percurso, o que é de fato relevante é a processualidade e não o ponto de chegada ou o resultado final.

O aspecto a ser destacado é que, por meio dessa nova materialidade do objeto, visto que foram criados novos objetos a partir do marcador – que adquiriram forma bidimensional ou tridimensional – se concretizou um conteúdo expressivo e sensível. Nesse sentido, podemos afirmar que houve apropriação e ressignificação dos objetos. “A forma converte a expressão subjetiva em comunicação objetivada. Por isso, o formar, o criar, é sempre um ordenar e comunicar”. (OSTROWER, 1987, p. 24)

A potência dessa experiência expressa uma estética que é menos artística e muito mais da nossa existência. Barthes e tantos outros que aqui se fizeram presentes falam-nos de uma

civilização marcadamente imagética cujo processo educacional ainda não vislumbrou a urgência de uma alfabetização do olhar, de uma pedagogia que não mais esteja ancorada, exclusivamente, sob a égide da palavra. No tempo remoto do período paleolítico, o despertar do pensamento do Homem, o ato inaugural de sua inteligência, se manifestava por meio das imagens. Ali, no recôndito da caverna, pintava em suas paredes um conteúdo mágico que espelhava o nascimento de uma identidade e a sua comunicação com o mundo. A imagem, portanto, faz parte do nosso nascimento e trazê-la para o centro do debate, no campo da educação, é compreendê-la para além da sua superfície e dos seus suportes expressivos.

Initial teacher education, visual culture and new materialities

ABSTRACT: In this article we discuss, from the empiria of the Archeology of Knowledge, Images and Affections project research, an ongoing experience on the teachers initial formation space inside of Rio de Janeiro that outs histories and senses from the appropriation of a prosaic object - a text marker. The object in question reproduces the image of a work of the artist and writer Sonia Lins (1919 - 2003) that, besides fulfilling the function that is destined in daily life, is also a support for the dissemination of the virtual museum that gathers all her literary and visual work. Each student of the Pedagogy course, Higher Education Institute of Rio de Janeiro (ISERJ), engaged a journey of investigation, whose exercise was committed to the unrestricted freedom of creation, appropriation and resignification of its function within the logic of use and consumption and its materiality. The relevant aspect to be considered here is that, through this new materiality of the object, an expressive and sensitive content materialized. In this aesthetic and ethical experience, the pedagogical event is born, renewed, and reborn in the relationship with the other. The students narratives that emerge from this experience revealed a diversity of looks and symbolic captures, exposing a subjective, particular universe and an artisanal process of creation permeated by feelings, conflicts, daydreams, confidences and reminiscences. It is an experience that exercised the feeling of humanity and belonging and that refutes the values that brutalize us in the different contexts of life.

KEYWORDS: Materiality. Image reading. Teachers initial formation.

Referências

- ASSUMPÇÃO, Adriana M; GOUVÊA, Guaracira. *Cultura visual na civilização da imagem*. Universidad Nacional de Córdoba, [2016].
Aguardando publicação.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso*. Lisboa, Portugal: Edições 70 Ltda. 2009.
- BARTHES, Roland. *Inéditos*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Imagem e Moda, v. 3)
- BARTHES, Roland; COMPAGNON, A. Leitura. In: *Enciclopédia Einaudi*. Oral/ Escrito/ Argumentação. Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1987. v. 11.
- BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: LeYa, 2013.
- BERGMAN, Ingmar. *Lanterna mágica – uma autobiografia: Ingmar Bergman*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro. Do leitor ao navegador. Conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- CHÉROUX, Clement; JONES, Julie. (Org.). *Ver é um todo: entrevistas e conversas, 1951-1998/ Henri Cartier-Bresson*. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2013.
- FONTANARI, Rodrigo. *Roland Barthes e a revelação profana da fotografia*. São Paulo: EDUC, 2015.
- JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2007
- MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2001.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.
- PAGLIA, Camille. *Imagens cintilantes: uma viagem através da arte desde o Egito a Star Wars*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2014.
- PERRONE- MOISÉS, Leyla. *Com Roland Barthes*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- SANTAELLA, Lucia; WINFRIED, Nöth. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2013.

SOUZA, LÚCIA H. P. *As imagens da saúde em livros didáticos de ciências*. 2011. 146 f. Tese (Doutorado em Educação) - Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

SOUZA, Lúcia Helena Pralon de. Imagens científicas e ensino de Ciências: uma experiência docente de construção de representação simbólica a partir do referente real. *Caderno CEDES*, Campinas, v. 34, n. 92, p. 127-131, jan./abr. 2014.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

Submissão: 30/11/2016 Aceito: 03/05/2017